

Eletronorte responde The New York Times

Brasília 08/09/2004

Com relação à matéria publicada no The New York Times, em 07/09/2004, sob o título "Floresta submersa ameaça hidrelétrica de Tucuruí", a Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A - Eletronorte, vem a público esclarecer o seguinte:

1- Não é verdade que "árvores emitem gases, deixam a água ácida e danificam as turbinas". A Eletronorte, baseada em estudos técnicos e científicos de qualidade inquestionável, convida jornalistas, pesquisadores e instituições nacionais e internacionais a visitar Tucuruí e conferir "in loco" que a hidrelétrica tem hoje um padrão de excelência de alto nível, tanto no que se refere à geração de hidreletricidade, quanto no desenvolvimento de ações socioambientais, cujos resultados têm comprovado o zelo da Empresa no relacionamento com a sociedade e o meio ambiente da Amazônia.

2- Não é verdade que "a vegetação resultou na emissão de toneladas de gases responsáveis pelo efeito estufa", nem que "os troncos submersos atrapalham a navegação", nem que "a crescente acidez da água possa corroer as turbinas" e nem que "as infestações de mosquitos têm sido tão intensas que alguns assentamentos foram forçados a se mudar". A matéria se baseia numa pauta requeitada, sobre previsões que nunca aconteceram e que há 20 anos vêm sendo repetidas como verdade pelos mesmos especialistas ouvidos pela reportagem, e insistentemente combatidas pela Eletronorte com fatos e dados consistentes e à prova de quem duvidar. Inclusive o relatório da Comissão Mundial de Barragens (Comission On Dams), de abril de 2000.

3 - Não é verdade que "alguém esqueceu de cortar as árvores e desmatar a área de 2.875 km² (...)" . A madeira das árvores que ficaram submersas não apodreceu, mesmo após 20 anos sob a água. Ao contrário, adquiriu maior qualidade e maior valor comercial, além de diminuir a pressão sobre as florestas intocadas, que teriam de ser devastadas para a retirada da madeira com valor comercial. Não houve nenhum dano às turbinas das hidrelétricas. No período inicial do reservatório houve um impacto negativo na qualidade da água devido à matéria orgânica de rápida decomposição, como galhos e folhas. No ecossistema novo a madeira submersa não provoca impactos na qualidade da água, monitorada constantemente pelos estudos limnológicos.

4- Não é verdade que "a Eletronorte ordenou a suspensão da remoção das árvores". A exploração da madeira submersa teve início em 1986, com a invenção de um brasileiro ribeirinho, a motosserra hidráulica. Em 1990, a Eletronorte firmou contratos de cessão de direito de exploração com empresas interessadas em desenvolver tecnologias de exploração de madeira submersa. Em 1994, a Empresa promoveu a licitação de 31 glebas para a exploração comercial da madeira aproveitável. As atividades de fiscalização e as auditorias realizadas apontaram o descumprimento de cláusulas contratuais, o que motivou a abertura de processos de revisão, que culminaram com a rescisão dos contratos. No momento, não existem mais justificativas ambientais para a retirada da madeira, atividade que representa, hoje, um risco ao estoque pesqueiro do reservatório e uma ameaça à atividade

produtiva de cerca de dez mil pescadores da região.

5- Vale ressaltar que a Eletronorte mantém, desde 1985, em conjunto com o Ibama, um programa de fiscalização do uso dos recursos naturais em Tucuruí, com o objetivo de identificar infrações à legislação ambiental e autuar infratores, inclusive a exploração irregular de madeira submersa, como toras cortadas na floresta e "esquentadas" na água do lago. Destaca-se ainda a notificação 031/2003, da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado do Pará - Sectam, órgão responsável pelo licenciamento ambiental de Tucuruí, na qual se exige da Eletronorte proceder ao encerramento do programa de exploração de madeira submersa.

6- Não é verdade que Tucuruí é uma "história de um erro" e que "o governo planeja construir 70 outros projetos de hidrelétricas nas Amazônia". Entre outras conclusões da Comissão Mundial de Barragens destacam-se: a experiência internacional sobre impactos ambientais associados à criação de grandes lagos em regiões tropicais à época do início das obras em Tucuruí restringia-se a algumas represas africanas, e como as informações ecológicas e biológicas sobre a região eram muito escassas, a maior parte dos impactos inferidos para Tucuruí foram baseados em uma série de estimativas e especulações. Dadas as características do rio e os resultados da modelagem feitos à época dos estudos de engenharia, pode-se afirmar que Tucuruí não sofre riscos com o assoreamento do reservatório. Tucuruí apresenta emissões anuais de CO₂ sensivelmente menores do que termelétricas a carvão, ou diesel ou óleo combustível equivalentes, em potência nominal, à hidrelétrica. 7- A Eletronorte, que atendeu a todas as solicitações do jornalista e concedeu as entrevistas solicitadas, coloca à disposição da sociedade brasileira e internacional, todos os estudos, documentos e visitas técnicas sobre o meio ambiente na área de influência da Usina Hidrelétrica Tucuruí.

8- Finalmente, a Eletronorte não aceita mais, após 20 anos de exaustivas e repetidas explicações como esta, que "cientistas" continuem afirmando sem qualquer comprovação que "Tucuruí é virtualmente uma fábrica de metano". Virtuais têm sido essas previsões catastróficas que apenas corroboram a opinião de quem, quer esteja bem informado ou não, deseja nada mais do que falar mal do Brasil.

© Eletronorte - Comunicação Empresarial - 2003. Todos os direitos reservados

Drowned, Not Downed, Trees in the Amazon Get Nasty

September 7, 2004

By LARRY ROHTER

TUCURUÍ, Brazil - A funny thing happened back when the Brazilian government was building the giant \$8 billion dam that bears the name of this town in the eastern Amazon. Somebody neglected to cut down the trees and clear the other growth in the 1,100-square-mile area that would be flooded, and 20 years later that has become a problem.

Decomposing vegetation has resulted in the emission of

millions of tons of greenhouse gases. Submerged tree trunks hinder navigation, scientists worry that increasing acidity of water in the reservoir could corrode the dam's turbines, and mosquito infestations have been so intense that some settlements have been forced to relocate.

To solve the problem, until recently, divers using special hydraulic chain saws had been swimming down 70 feet or so into the reservoir, attaching themselves to submerged tree trunks, cutting them and then watching as the trunks were hauled to the surface by iron cables.

"On a good day, you could cut maybe 8 or 10 trees," said Benedito Sidinei Correia de Medeiros, a 38-year-old diver who, after five years, had worked up to a salary of \$275 a month. "You have to be very careful down there, because the chain saw can slice you in half if you let it go, and it's so dark during the rainy season that you can't see anything."

Still, he described his work as "neat" and "a lot of fun." Though divers constantly need to be on the lookout for alligators, snakes and a particular species of tree whose bark is poisonous, he also recalled curious dolphins and bass playfully approaching and nudging him.

Early this year, however, Eletronorte, the government agency that administers the dam, ordered a stop to the tree removal. Agency officials say that lumber companies were not fulfilling their contractual production quotas and payment schedules, and further, that they now see environmental benefits in leaving the reservoir intact.

"The water quality of the reservoir has actually improved in recent years, and with that, we are seeing a lot of schools of fish forming in these trees," said Antonio Raimundo Ribeiro Coimbra, director of environmental affairs for the agency. "It's an ecosystem that creates a niche for fish to reproduce, in the same way that a sunken ship does, while at the same time providing protection against predatory fishing."

The aquatic loggers acknowledge falling short of production targets, though they say it results from the agency's recent decision to raise the water level of the reservoir, making their work harder. But they too cite the environment in their own defense. "Every dead tree that we cut down at the bottom of the reservoir is one less live tree being felled in the forest," said Rog rio Corte Leal, owner of the main company harvesting the timber. "We're also providing a service by keeping the lake clean and resolving a mess that we didn't create."

Tucuruí is a product of the 1970's era of "Brasil Grande," when the military dictatorship then in power undertook megaprojects like the Trans-Amazon Highway. The dam is the largest entirely within Brazil and is cited by Eletronorte as a model for the more than 70 other hydroelectric power projects that the government plans to build in the Amazon.

But in their haste to complete the project, Brazil's rulers ignored warnings from environmentalists and engineers and inundated the tropical forest before removing the trees. When they belatedly got around to addressing the problem, the company chosen to do the job was the military's own pension fund, which had no logging experience but was well connected politically.

Using the submerged forest as collateral, the company was able to obtain more than \$100 million in credits. But after removing some especially valuable hardwoods, it went bankrupt, leading to huge losses for creditors and a congressional corruption investigation that the government eventually quashed.

"It was all a great big financial scam, compounded by the stupidity of the federal agencies," said Osorio Pacheco Alves, the municipal secretary of water and sewage here. For years, local people here would clandestinely remove what tree trunks they could. But a decade ago, Eletronorte allowed bidders to begin removing the wood on a commercial scale, awarding the 15-year contracts that have now been scrapped.

In an effort to double the dam's generating capacity, to 8,000 megawatts, new turbines are being installed. But critics predict that with the wood no longer being removed, the problems will intensify.

Though submersion slows the decay of tree trunks, they rot eventually, releasing carbon dioxide. Scientists and divers say the water in the reservoir is becoming more acidic, increasing the risk of corrosion to equipment, a notion Mr. Coimbra dismissed.

Scientists are even more concerned about the seasonal rise and fall of the water level here and the resulting decay of vegetation. Tucuruí is "virtually a methane factory," said Philip M. Fearnside, a researcher at the National Institute for Amazon Research.

Research suggests, he added, that dead trees in the reservoir can serve as "conduits" carrying methane from the soil of the reservoir floor. During much of the 1990's, he said, Tucuruí produced more greenhouse gas emissions, from 7 million to 10 million tons a year, than São Paulo, with more than 20 million people.

Fishermen and other residents here say that amateur divers are once again clandestinely removing tree trunks from the lake, putting their lives at risk by not using proper equipment. Mr. Coimbra said the responsibility for preventing that lay with another government agency, the Brazilian Institute for the Environment and Natural Resources, which has said it does not have the money or the manpower to fulfill all its duties. "I don't know if this situation is really happening," he said, "but if it is, it has to be suspended."

Copyright 2004 The New York Times Company

--